

1 | Um golpe pela janela

“Um dia seu filho será presidente da República.”

José Dirceu, aos 8 anos, para a mãe, dona Olga.

A noite era de festa na casa dos Oliveira e Silva, na pequena cidade mineira de Passa Quatro, na noite de 12 de outubro de 1968. A família se reuniu na sala para a primeira transmissão da televisão que o patriarca, seu Castorino, havia recebido de um consórcio poucas horas antes. Um televisor modesto, pequeno e em preto e branco, mas um dos primeiros a chegar à cidade de 11 mil habitantes, encravada na Serra da Mantiqueira, no Vale do Paraíba, divisa entre Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. O aparelho enchia de orgulho Castorino e, principalmente, sua mulher, Olga. Os vizinhos invejavam a aquisição e se aboletavam à janela do sobrado para compartilhar a novidade. O noticiário da noite, porém, teve início com uma imagem que marcou para sempre a vida de dona Olga Guedes da Silva: seu filho José Dirceu era empurrado por policiais para um camburão que sumia na estrada de terra.

José Dirceu de Oliveira e Silva, o xodó de dona Olga, havia sido preso em um congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes, em Ibiúna, cidade próxima a São Paulo, para onde migrara

sete anos antes. O locutor descrevia o filho de Olga e Castorino como um dos líderes dos oitocentos estudantes que se reuniram em um sítio para conspirar contra o regime militar que governava o país havia quatro anos e meio. E previa que ele passaria um bom tempo na prisão, para servir de exemplo a outros jovens. Dona Olga deixou a família e as visitas na sala e foi chorar no quarto. Desde pequeno, Dirceu, o terceiro de seus seis filhos, lhe dera muito trabalho. A distância e a falta de comunicação do jovem, vivendo sozinho na cidade grande, lhe tiravam o sono. Imaginava que muita coisa ruim pudesse lhe acontecer. Mas cadeia foi além de seus piores pesadelos. Essa não era a primeira confusão em que se metia o rapaz nascido a 16 de março de 1946, naquela mesma casa. Era apenas a primeira transmitida em rede nacional de televisão.

Castorino era dono da gráfica Ordem e Progresso, a única da cidade, e militante da União Democrática Nacional, a UDN, o partido da direita católica. Educava com rigor seus sete filhos. Conheceu Olga na vizinha Cruzeiro, já no estado de São Paulo, onde seus parentes ganhavam a vida como ferroviários e ele costumava passar os finais de semana. Os filhos de Castorino precisavam ir à missa aos domingos, rezar antes das refeições, pedir a bênção para sair de casa e trabalhar desde cedo. Aos 8 anos, Dirceu já corria as ruas da cidade entregando pão; em seguida, caminhava pela linha do trem até o Grupo Escolar Presidente Roosevelt, onde cursou o primário. Foi nessa época que, em um surto de grandeza, disse à mãe antes de dormir: “Um dia seu filho será presidente da República.”²

Quando Dirceu tinha 10 anos, Castorino lhe conseguiu uma vaga no Ginásio São Miguel, mantido por padres franceses da ordem de Bétharram. Era o melhor colégio da região. E ainda por cima gratuito. Para tanto, Castorino teve de apelar a seus contatos políticos. Fora candidato a vice-prefeito, era um dos provedores da Santa Casa e

²Em entrevista publicada pela revista *Playboy*, em agosto de 2007.

em sua gráfica eram impressos os panfletos de todos os candidatos das redondezas. Dirceu lembra com carinho da temporada no São Miguel: “Lá havia uns vinte padres de umas dez nacionalidades, uma coisa fantástica! Convivi com homens de dez nacionalidades diferentes e tive uma educação de altíssimo nível.”³

Na escola, acuado pela disciplina severa dos religiosos, o garoto se continha, embora suas pregações agnósticas a partir dos 12 anos tenham lhe rendido algumas advertências e castigos. Cada vez que dizia que Deus não existia era um terço a mais a ser rezado. Na reincidência, sua mão queimava com golpes de palmatória. Longe dos padres, era outro. Amarrava barbante em rabo de cachorro, colocava bombinhas presas no rabo dos gatos, pulava muros de casa para roubar frutas, descia o rio em balsas feitas de folha de bananeira — que constantemente naufragavam com outras crianças, levando as mães ao desespero.

Liderava um grupo de garotos que se identificavam por um assobio e que se tornou o terror da cidade. Nem os castigos de Olga e Castorino o freavam. Passa Quatro foi ficando pequena para ele e suas confusões e ambições. Só esperava o fim dos estudos para ganhar o mundo. “Queria de todo jeito sair da minha cidade. Quando eu sentava na praça, sozinho, pensava: ‘Quanto tempo falta para terminar, pegar uma carona e ir embora para São Paulo?’”⁴ Não demoraria muito. No início de 1961, ainda com 14 anos, pegou uma carona com um conhecido da família e foi embora. As professoras e as mães dos amigos comemoraram: “Estamos livres do Zé Dirceu, aquele menino filho do seu Castorino.”⁵ O pai o apoiou. A mãe, chorando, aceitou a decisão.

³Em entrevista a Caio Túlio Costa para o Projeto Memória do Movimento Estudantil, em 17 de dezembro de 2005.

⁴Idem.

⁵Dirceu, José e Palmeira, Vladimir; *Abaixo a ditadura*. Garamont, 1998.

Naquela época, era costume das famílias escolher um filho para viver na cidade grande, onde havia boas escolas e oportunidades de trabalho — em Passa Quatro, sequer existia escola de ensino médio. Mas Dirceu se impôs, decidiu ir e pavimentou seu caminho. Como a partida era inevitável, Castorino conversou com um primo que já morava na capital paulista e conseguiu um emprego para o filho, como *office boy*, na imobiliária do deputado estadual Nicola Avallone Júnior, ex-prefeito de Bauru. Conservador, Nicola cumpria seu segundo mandato, pelo Partido Democrata Cristão. Anticomunista ferrenho, era dono do *Diário de Bauru* e respondia a um processo por ter dado, ainda prefeito, uma Romi-Isetta amarela a Pelé em 1958, quando o Brasil ganhou seu primeiro mundial de futebol. Apesar do conservadorismo, tinha uma relação afetuosa com o novo funcionário.

A São Paulo que Dirceu encontrou, em 1961, já tinha 4 milhões de habitantes, trezentas vezes maior do que sua Passa Quatro natal. À noite, quando deixava a imobiliária, cursava o colegial no Colégio Paulistano, na rua Avanhandava, próximo à praça da Sé. Ainda antes de completar 15 anos, em plena São Paulo do início da década de 1960, uma nova vida se descortinou para o garoto do interior. E a principal responsável por isso foi Maria Aparecida Sá de Castelo Branco, a secretária da imobiliária do deputado, que preferia ser chamada de Cíntia. “Era uma mulher linda, simplesmente maravilhosa, que me ensinou tudo: fui chefe do almoxarifado, trabalhei como arquivista, trabalhei na tesouraria, como relações públicas, no atendimento, na coordenação do escritório. Durante três anos e meio, fiz de tudo ali” — relembra José Dirceu.⁶ Cíntia lhe ensinou quase tudo.

⁶Em entrevista a Caio Túlio Costa para o Projeto Memória do Movimento Estudantil, em 17 de dezembro de 2005.

Com dinheiro contado, ele foi morar em uma república no Edifício São Vito, ao lado do Mercado Municipal, o mais famoso treme-treme de São Paulo. Dividia os pouco mais de vinte metros quadrados com sete marmanjos: eram dois beliches e um sofá, no qual dormia com um colega de Passa Quatro, Wilson Siqueira. Certa noite, ao voltar para casa, encontrou no elevador uma mulher de 35 anos. Começaram a conversar e, dias depois, ainda em seu primeiro mês na cidade grande, o garoto de 14 anos perdia a virgindade com uma mulher 21 anos mais velha. “Ela também estava muito a fim e me proporcionou um ótimo começo” — este, o único comentário que já fez a respeito.⁷

O mais jovem atormentou tanto os mais velhos que acabou expulso da quitinete após oito meses. Era indisciplinado, recusava-se a dividir as tarefas da casa, como lavar louça e limpar o banheiro, e atrasava o pagamento das contas. Usava roupas alheias sem avisar e pegava comida dos outros na geladeira. No terceiro aviso, portanto, teve de deixar o apartamento para ir morar em um quarto de pensão na rua Taquara, na Liberdade, por onde hoje passa a avenida 23 de Maio. O dinheiro era tão curto que a principal diversão do jovem caipira — zombado pelos colegas por ser mineiro e pelo sotaque — consistia em andar pelas ruas de São Paulo vendo vitrines.

Também gostava de acompanhar pelo rádio os jogos do Corinthians, time que adotou ao chegar à cidade, renegando a paixão de infância pelo Flamengo. “Eu não tinha dinheiro para nada. Eu não tinha roupa praticamente. Vestia a mesma roupa por quinze dias. Vivi uma época em São Paulo quase como um trombadinha.”⁸ Nos momentos de maior dificuldade, apelava para Cíntia, que o abrigava, dava comida e comprava roupas.

⁷Em entrevista à edição de janeiro de 1992 da revista *Playboy*.

⁸Em entrevista a Caio Túlio Costa para o Projeto Memória do Movimento Estudantil, em 17 de dezembro de 2005.

Dirceu concluiu o ensino médio em 1963 e, no início do ano seguinte, matriculou-se no cursinho pré-vestibular Di Túlio, na rua Conde de Sarzedas, na Liberdade. Mudou-se para uma república próxima, onde dividiu um quarto com Celso de Mello, então estudante de Direito na Universidade de São Paulo e futuro ministro do Supremo Tribunal Federal. Sua situação financeira começou a melhorar nessa época. Conheceu o novelista Vicente Sesso, com quem foi trabalhar na TV Tupi, ajudando a redigir roteiros e fazendo figuração em alguns programas. Sesso era, ao lado de Cassiano Gabus Mendes, o principal autor da televisão brasileira. Quando Dirceu o conheceu, na festa de aniversário de um colega de imobiliária, ele acabara de escrever *Minha doce namorada*, que deu à atriz Regina Duarte o apelido de “a namoradinha do Brasil”. Sesso viu talento no jovem eloquente e criativo. Assim que apareceu uma vaga em sua equipe na televisão, resolveu apostar no recém-conhecido.

Envolveu-se tanto com o trabalho que foi praticamente adotado por Sesso, que o levou para morar em sua casa, no mesmo quarto de seu filho adotivo, o ator Marcos Paulo, morto em 2012. Alojado na casa do novelista, trabalhando no escritório de Avallone e na TV Tupi, afinal sobrava dinheiro para se aventurar pela noite paulistana. Em uma boate, conheceu uma dançarina chinesa, teve um ardente caso de amor e deixou de lado as tarefas passadas por Sesso. Na terceira vez que o deixou na mão, foi demitido e despejado. Sem dinheiro e sem casa, perdeu também a namorada.

No cursinho, José Dirceu se aproximou de um grupo de professores e alunos que estudava Marx e debatia as reformas do governo de João Goulart, o Jango, presidente que assumira dois anos antes, com a renúncia de Jânio Quadros, e desde o primeiro dia no cargo sofria forte oposição dos militares e dos partidos de direita — principalmente a UDN de seu Castorino. Mais para se opor ao pai do que por

ideologia, Dirceu apoiava o governo Jango, o que provocava longas discussões nas raras ligações telefônicas para Passa Quatro.

Um conterrâneo de Minas que também gostava de Jango ofereceu a José Dirceu um emprego na Distribuidora Nacional de Materiais Básicos, uma empresa de estruturas metálicas. A função e o salário eram semelhantes aos do escritório de Avallone. No novo trabalho, porém, seria registrado, algo que o antigo patrão jamais aceitara fazer. E também deixaria para trás as discussões políticas acaloradas com Avallone, opositor de primeira hora de Jango.

Em seguida, veio o golpe militar de 1º de abril, que depôs Jango e instalou em seu lugar o marechal Humberto de Alencar Castello Branco. De cara, José Dirceu se posicionou contra os militares. No dia posterior ao golpe, foi fazer um serviço externo no Banco Real da Praça da República, em um prédio ao lado da Floricultura Rinaldi. Estava no terceiro andar e viu pela janela a passeata dos alunos da Universidade Mackenzie. Comemoravam a derrubada de Jango.

A imagem definiu a posição que Dirceu teria dali em diante. “Eu já sabia de que lado estava, não tinha dúvida de que se tratava de um problema de classe. Eu era um *office boy*, que tinha trabalhado e estudado, e não tinha dúvida nenhuma de que a elite de São Paulo estava apoiando o golpe militar.”⁹

⁹Idem.